

<p style="text-align: center;">FAHIMTB</p>  <p style="text-align: center;">AHIMTB/RS</p>	<h1>O TUIUTI</h1>	
<p>ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RS - ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA – E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)</p>		
<p>260 ANOS DA FUNDAÇÃO DO PORTO DOS CASAIS (PORTO ALEGRE)</p>		
<p>Ano 2012</p>	<p>AGOSTO</p>	<p>Nº 27</p>

ATIVIDADES DE ESTRATÉGIA

General Luiz Carlos Rodrigues Padilha

Ações estratégicas, expressões política, econômica, psicossocial e científico-tecnológica do poder nacional, capacidade dissuasória do Brasil diante de possíveis ameaças aos seus interesses nacionais. O exemplo do Iraque.

As ações estratégicas são a efetivação do emprego do poder, e podem ser realizadas tanto em áreas geográficas quanto nas diferentes áreas da atividade humana.

Ações estratégicas importantes para manutenção da capacidade dissuasória do Brasil diante de possíveis ameaças aos seus interesses nacionais:

- reduzir o hiato tecnológico em relação às grandes potências, possibilitando a criação e ampliação de núcleos de excelência tecnológica de maneira que o país domine áreas do conhecimento estratégicas de múltiplo emprego. Assim, áreas como energia nuclear, informática, satélites, sensoriamento remoto, telecomunicações, biotecnologia etc, devem receber elevada prioridade governamental no sentido de reforçar a capacidade dissuasória do Brasil.
- adotar uma Política Externa Independente e agressiva, voltada para atender os interesses nacionais e regionais, respaldada pela estratégia de alianças regionais e cooperações, nos diversos Campos do Poder com países como França, Alemanha, China, Rússia, Índia, África do Sul, entre outros, que demonstram certa independência em relação às decisões hegemônicas dos EUA.
- adotar ações preventivas importantes sobre os temas da agenda internacional que podem provocar questionamentos da opinião pública dos países desenvolvidos sobre a capacidade do governo Brasileiro de solucionar problemas que afetem interesses globais. Assim, temas como preservação do meio ambiente, em especial a Amazônia, direitos humanos, preservação dos

indígenas, narcotráfico, terrorismo etc, devem receber elevada prioridade no sentido de minimizar eventuais pressões externas aos interesses nacionais.

- implementar uma política industrial agressiva, de maneira que o País tenha a capacidade de competir no mercado internacional, incentivando setores estratégicos de múltiplo emprego, como aviação civil, embarcações, indústria pesada e de transformação, entre outras. Desta forma, deve-se buscar induzir o crescimento econômico, reduzir o hiato tecnológico e minimizar a dependência externa de conhecimento e de produtos estratégicos, aumentando a capacidade dissuasória do Brasil.

- acelerar o ritmo de expansão da capacidade produtiva por meio de políticas que incentivem o investimento e o aumento da produtividade. Um dos principais desafios do governo, neste sentido, é a criação de um ambiente favorável ao investimento privado. A sinalização de uma estabilidade duradoura é essencial para alcançar este objetivo, mas a ação do governo precisa ir além, com uma definição clara de prioridades, que ajude a orientar as decisões privadas.

- negociar maior abertura do mercado europeu e norte-americano a nossas exportações e explorar os acordos no âmbito da Organização Mundial do Comércio sobre subsídios à produção de tecnologia, às atividades de pesquisa e desenvolvimento e ao financiamento de investimentos em setores intensivos em tecnologia, objetivando minimizar a brecha de competitividade entre o Brasil e seus concorrentes.

- fortalecer a infra-estrutura econômica por meio de investimentos e modernização dos setores de energia, transporte, telecomunicações, saneamento e recursos hídricos, buscando ampliar a oferta, melhorar sua qualidade e reduzir os custos, de modo a elevar a competitividade sistêmica nacional e reduzir o custo-Brasil, incentivando parcerias entre o setor público e o setor privado e a regulação dos serviços públicos, bem como o aperfeiçoamento contínuo das agências reguladoras para garantir esses objetivos.

- fortalecer a educação, a capacitação dos trabalhadores e as atividades nacionais de inovação, sem prejudicar a pesquisa básica, pois assim a política de ciência e tecnologia terá ampla articulação com as demandas de inovação do setor produtivo e com as políticas industriais, buscando uma maior integração entre empresas, universidades e institutos de pesquisa. Isto deve ocorrer também nas áreas de fronteira, como biotecnologia, química fina, microeletrônica e novos materiais.

- diversificar e ampliar a pauta de comércio exterior e dos mercados internacionais, utilizando uma intensa diplomacia comercial; assim como dar prioridade ao Mercosul e à integração econômica do continente sul-americano, tudo com a finalidade de exercer um papel proeminente na Organização Mundial do Comércio, na busca de equilíbrio na Área de Livre Comércio das Américas e nas negociações Mercosul/União Europeia.

A última guerra do Iraque (deposição do governo Saddam Hussein) apresentou uma série de falhas ou "erros estratégicos", que podem, no presente ou no futuro, acarretar consequências desagradáveis para os governos e populações dos países "invasores" (EUA e aliados). Esses erros (falhas) estratégicos que o governo e as forças americanas cometeram ao longo da crise com o Iraque comprometeram todo o esforço de guerra encetado pelos EUA.

Na madrugada do dia 20 de março de 2003, forças militares dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, apoiadas por 34 países, iniciaram uma operação bélica contra o Iraque, sem o devido respaldo do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas. Apenas três semanas mais tarde, em 9 de abril, as forças da coalizão conseguiram o objetivo de derrocar o sátrapa Saddam Hussein do poder e ocupar a totalidade do país.

Entretanto, constatamos que a guerra relâmpago desencadeada contra o país mesopotâmico, converteu-se em um pós-guerra carregado de problemas. Desde que irrompeu a contenda, morreram aproximadamente doze mil iraquianos, milhares de militares norte-americanos, britânicos, espanhóis e jornalistas. Foram destruídas milhares de residências e os serviços essenciais, quando reativados, têm sido através de uma lentidão desesperadora e estão funcionando precariamente. A estrutura civil iraquiana sofreu intensos abalos e os roubos, as drogas e os assassinatos fizeram parte da cotidianidade. Tudo isso evidencia os erros estratégicos que os Estados Unidos cometeram desde a deposição de Saddam Hussein. Entre eles identificamos alguns:

- utilizar argumento falso, fazendo crer a comunidade internacional e a opinião pública interna dos EUA que o Iraque possuía armas de destruição em massa. As recentes investigações feitas pelo Congresso nos EUA inviabilizam tal tese, retirando a credibilidade do governo americano e de seus principais dirigentes, fato que tem gerado comportamentos anti-imperialistas nos principais países do mundo.
- buscar implantar um sistema democrático em um país de tradições autoritárias e de cultura secular. Além disso, desrespeitar a existência de correntes religiosas antagônicas, sunitas e xiitas, aspecto que tem levado a uma guerra pelo poder religioso no Iraque, criando um componente de conflito fanático religioso. Nesse sentido, o principal grupo extremista em atividade no país, liderado por Abu Musab Al-Zarqawi e ligado à rede Al Qaeda, declarou guerra à democracia.
- caracterizar a Guerra no Iraque como parte da Guerra ao terrorismo. Esse fato uniu os fanáticos em todo mundo islâmico e criou uma indesejável rede de apoio externo à resistência iraquiana.
- desrespeitar os direitos humanos, tema da agenda internacional, estabelecendo uma prisão na Base de Guantânamo. Segundo as principais ONG ligadas ao assunto, Cruz Vermelha Internacional e Human of Rights, os EUA não dão tratamento digno aos presos, empregam métodos de interrogatórios condenáveis, inclusive com tortura psicológica. Além disso, veicularam-se imagens de desrespeito a fé islâmica na imprensa internacional, fato que fortaleceu o ódio da comunidade islâmica contra os EUA,
- a divulgação de imagens, vídeos e fotos, de prisioneiros iraquianos na Prisão de Abugrab, em Bagdá, onde o tratamento dado aos presos pelo Exército Americano é inaceitável e violaram os acordos internacionais, como a Convenção de Genebra, desgastaram o governo americano e constituíram-se em uma falha importante na condução da ocupação daquele país.
- o elevado número de militares mortos no conflito, superando dois mil, gerou constantes protestos da sociedade americana, contribuindo para a perda de credibilidade da operação militar e desgaste do governo junto à opinião pública interna do País.
- as forças americanas não conseguiram realizar um efetivo controle das fronteiras iraquianas, principalmente pela Síria e Irã, permitindo o acesso de novos terroristas para reforçar a resistência, armas, explosivos artesanais etc. Nesse sentido, o apoio externo fortaleceu a resistência e desgastou as forças americanas, comprometendo todo o esforço encetado pelos EUA.
- o Governo Americano não conseguiu que suas operações psicológicas estratégicas obtivessem os efeitos desejados. Desta forma, o conflito ganhou uma dimensão religiosa, unindo o povo islâmico, a opinião pública internacional não apoiou a ação, e a sociedade americana, atualmente, vem mudando sua percepção sobre os custos e benefícios das guerras, fato que pode comprometer todos os esforços militares empreendidos pelas forças americanas.

- os Estados Unidos, sendo uma nação democrática, deveria obedecer os princípios democráticos, mas não foi isto que aconteceu no Iraque, uma vez que o país não tinha objetivos expansionistas em relação ao território americano, ou de qualquer outra nação, como ocorreu na Guerra do Golfo.
- o Iraque não representava ameaça aos Estados Unidos, já que o seu governo havia eliminado as armas de destruição em massa que possuía, e muito menos tinha ligações com Osama Bin Laden. Atualmente, existe no Iraque um governo militar de ocupação, e possivelmente um futuro governo fantoche.

Editor:
 Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
 Presidente da AHIMTB/RS
 Vice-presidente do IHTRGS
lecaminha@gmail.com

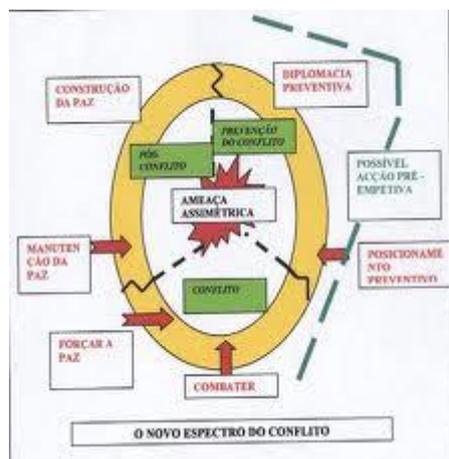


Figura 3. Hierarquia de obrigações para a estratégia militar nacional. (Adaptado do Chairman of the Joint Chiefs of Staff Manual (JCJCSM) 3500.040, Universal Joint Task List, 1 August 2005, A-7 (Fig. A-1).)